

## Um debate sobre a violência

Comissão Administrativa de Percurso (\*)

Inaugurando suas atividades do ano de 1991, o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae reuniu numa mesa-redonda sobre o tema "Violência, hoje", os psicanalistas Manoel Tosta Berlinck, Edna Matosinho De Pontes e o poeta, tradutor e editor Nelson Ascher, apresentados pela psicanalista Lilian R. Quintão.

Trata-se sem dúvida alguma de um tema atual (basta olhar ao redor e observar a violência social, cultural, política quotidiana a que estamos submetidos), polêmico (a quem cabe a responsabilidade, como entendê-la, o que fazer com ela, que contribuição dar enquanto psicanalistas?), contundente o suficiente para justificar as expectativas e o acolhimento que o evento teve.

Apesar de os três discursos abordarem o assunto de pontos de vista diferentes, em um aspecto convergiam: ao considerar a violência como própria, inerente ao ser humano e à vida.

Várias questões se impõem logo ao primeiro olhar:

1 — Se a violência é própria do ser humano, em que consiste tal propriedade?

2 — Poder-se-ia falar em "Violência natural" e em oposição a outra "adquirida socialmente"?

3 — De que forma o ato de vida exigiria, força, coação, transgressão?

4 — Força contra o quê? Transgressão a quê?

5 — Estas questões suscitariam outras: se por um lado estamos acostumados à idéia tão difundida de que a cultura resulta da coerção, submetimento das pulsões e que a história do ser humano nada mais é do que a forma como lida com seus desejos insatisfeitos, como entender a possibilidade de que a vida resulta de uma transgressão, de uma infração? Afinal: submetimento ou transgressão?

Na primeira abordagem, Edna circunscreveu a questão a um tipo específico de violência: o da guerra, a partir de dois textos de Freud. Perplexo diante da eclosão da guerra,

ele vê nesta a decadência de valores morais e expõe sua decepção diante do fato das pulsões não terem sido domesticadas nem terem se transformado tanto quanto pareciam. Dois mil anos de civilização ocidental, a força das religiões, da Sociologia, da Filosofia e de tantos outros esforços significativos se viram fracassados frente à dolorosa agressividade humana.

Um segundo eixo desta exposição tratou das questões relativas à lei e à violência, aquela resultante da união de forças da comunidade, funcionando com os mesmos métodos e objetivos que a máquina do poder.

A última questão tratada girava em torno das atividades frente à morte, enfatizando que a guerra põe a descoberto o que há de mais primitivo no ser humano, inverte os valores morais e quebra o equilíbrio da lei primeira: "Não matarás".

Duas foram as conclusões da expositora:

1 — A clara limitação da ciência psicanalítica na compreensão do desequilíbrio e do jogo de forças que levam à guerra (isto seria tarefa das Ciências Sociais, Políticas e Econômicas).

2 — Apesar da desilusão, a manutenção da fé e confiança no ser humano.

Nelson Ascher começou apresentando suas reflexões acerca das idéias de Pierre Clastres e Levi Strauss: o primeiro apresentando o comércio como consequência do insucesso da guerra e o segundo a guerra como resultado do insucesso do comércio. Chamou-nos a atenção sobre a eficiência de domesticação de certas instituições; o casamento no que se refere ao incesto, a guerra quanto à eliminação física do outro e a linguagem no que se refere à incomunicabilidade primordial das pessoas.

Enfatizou que o homem civilizado moderno está muito pouco exposto à morte. Disse ele: "No Ocidente a morte é cada vez mais isolada e exilada. Por não estarmos acostumados a ver a morte de perto somos mais sensíveis a outras formas de violência: o da

palavra, dos meios de comunicação, das instituições".

Mostrou que na Idade Média a violência e a morte faziam parte do cotidiano, citando cifras, fatos e dados estatísticos que foram convergindo para a conclusão que deixou a platéia estareçada: então não somos tão violentos quanto seria de se esperar!

Manoel Berlinck, por sua vez, propôs a Guerra e a Paz como metáforas da Vida, esta como estado, prefiguração do inefável, a morte.

A Paz na fala deste orador estaria associada à passividade imposta pelo poder, seria um estado do sujeito, correspondente a uma ausência de reação e, assim definida, paz e morte seriam sinônimas, como negação da vida. Berlinck concluiu dizendo ser imprescindível desconfiar dos que aderem à lei criando um falso estado de paz, de ausência de conflito, tão contrárias à vida bem como do pacifismo exacerbado que cria pacatos, pusilânimes e paspalhos. Em outras palavras, alertou-nos para a necessidade de desconfiar dos que fazem da lei e da ordem um catecismo: "estes são contra os criadores, os únicos autores e, portanto, as únicas autoridades".

Visto do ângulo de participantes da platéia, o conjunto dos discursos teve o surpreendente efeito de paralisar os ouvintes, neutralizar momentaneamente intervenções, críticas ou eventuais questões.

Como nos mostrou a mediadora da mesa, Lilian R. Quintão, o Departamento abriu um espaço para o conflito, para lidar com a apatia e a omissão que tornam a violência cotidiana ego-sintônica, coerente e compatível com as normas da nossa civilização.

O resultado global, ora considerado à distância, foi positivo na medida em que possibilitou falas, discussões e reflexões posteriores.

(\*) A comissão administrativa de Percurso é constituída por: Maniã S. Deweik, M<sup>a</sup> de Lourdes Caleiro Costa, Marilúcia M.M. Alencar, psicanalistas e membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.